

FLORES DE VIDRO

Geny Vilas-Novas

FLORES DE VIDRO

© 2015 Geny Vilas-Novas

*Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.*

Coordenação Editorial

Isadora Travassos

Produção Editorial

Eduardo Sússekind

Rodrigo Fontoura

Victoria Rabello

Revisão / mitologia védica

Rose Potto

Foto de capa

Rodolfo de Abreu

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

v752f

Vilas-Novas, Geny, 1947-
Flores de vidro / Geny Vilas-Novas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : 7Letras,
2015.

ISBN 978-85-421-0375-5

1. Romance brasileiro. I. Título.

15-26191

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

2015

Viveiros de Castro Editora Ltda.

Rua Visconde de Pirajá 580, sobreloja 320 – Ipanema

Rio de Janeiro | RJ | CEP 22410-902

Tel. (21) 2540-0076

editora@7letras.com.br | www.7letras.com.br

Este livro pertence a todos os pais
que têm os filhos morando em países muito distantes.

“O que é esta vida que corre
Em nossos corpos como fogo?
O que é?”

A vida é como ferro quente,
Prestes a ser derramado.
Escolha o molde,
E a vida o abrasará.

(Versos do *Mahabharata*)

*A Mãe sabia que depressão matava,
não sabia como. Agora sabe.*

CRIAMOS NOSSOS FILHOS PARA O MUNDO? Ou as uvas estão verdes? Quando o Filho disse que iria morar no Japão, a Mãe sentiu o impacto de um soco no estômago. Embaixo dos pés, a terra estremeceu. A vista turvou-se um pouco. Doeu o abdome e, a cada vez que se lembrava, a dor voltava. Passou a andar encurvada. Pressionava a barriga, com as mãos sobrepostas. Puxava o ar com dificuldade. Parecia que os pulmões estavam atrofiados. O coração se transformou em uma bolha, e esta bolha foi envolvida em lâmina fininha de sangue. Não consegui chorar, mas o coração palpitava, palpitava, palpitava. A palavra, angústia, criou dimensões imensuráveis. A Mãe sabia que depressão matava, não sabia como. Agora, sabe.

Nas telas do cinema estão exibindo o filme *Heleno*. As mais velhas do que a Mãe suspiram: Heleno! Heleno foi um mito, um homem lindíssimo. A Mãe entorta a cabeça: Não foi do meu tempo. Não faz ideia de quem foi Heleno. Ah! Foi um jogador de futebol. Acha o nome bonito, romântico, e vêm as lembranças de Minas Gerais. Das matas fechadas, do canto dos jaós, dos gaturamos, dos sanhaços, e o ciscado discreto de um macuco. O bramido rouco e assustador dos bugios percorrendo distâncias e assombrando os forasteiros.

Tempo dos filhos irem embora, tempo de terminar um livro e começar outro. Tempo de recomeçar a vida. A Mãe enfrenta

um tigre, mas sente medo do tempo. Do tempo que vai e que não volta mais. Do tempo transcorrido e do que virá. O tempo é inexorável, a literatura também. Abrem feridas sem dó nem piedade. O livro velho já morreu, mas a Mãe sente medo do novo. Começar, começar, começar. A literatura tanto alivia quanto mata. Parece paradoxal, mas não é, a Mãe garante. Talvez a melhor definição: ela é exigente. Exige perfeição. O que se faz para alcançá-la? Não importa. Vai mexer em ninho de serpentes, se prepare, todo cuidado é pouco. O leitor adora páginas em branco. A literatura exige estética na folha escrita, a paragrafação precisa ser adequada, a pontuação no lugar certo e na justa medida.

A Mãe perdeu o nome e passou a ser Mãe. Sempre começa um livro novo no caderno. Prefere escrever a lápis, a tinta da caneta não se desfaz com a borracha. O computador, nestas horas de transição, de fragilidade, assusta. Passa dias sem ligá-lo. O livro velho morreu, virou fantasma, está sepultado dentro do disco rígido e nas folhas impressas. Sente pavor: a linguagem do morto pode abortar a que começa a nascer. O livro novo não existe, não passa de miragem. Ainda não aconteceu nada, apenas a imagem que se forma no fundo da retina deslocou-se um pouco. Dizer que isto é livro não passa de delírio. Mas o delírio vai se dando aos poucos, vai encorpando e avançando cada vez com mais virulência sobre o livro velho. E os novos tendem a ganhar dos moribundos.

A Mãe reformou o jardim, repaginou a casa na ânsia de rejuvenescer-se e, no pânico do eterno, recomeçar. Cortinas estampadas para quebrar o branco da sala de televisão. Pinta o teto envernizado para conseguir mais leveza nesse cômodo. Retira a porta pesada, abre um rasgo maior na parede entre as salas de televisão e de jantar. Põe outra porta divisória com quadradinhos de vidro fosco e que se dobra integrando os ambien-

tes. O fosco no vidro dará privacidade quando for necessário fechá-la. Coloca cestos de vime com sempre-vivas dos gerais. Retira os livros da mesinha de centro e coloca uma bandeja de laca com ramagens e flores em folha de ouro. O miolo das flores? Lasquinhas de opala. O Filho ganhou a bandeja de presente de casamento e deu para a Mãe. A Mãe se assusta. E a Nora? A Nora de Olhos Oblíquos e Cor de Ônix não vai ficar triste? O Filho sorri e balança a cabeça negativamente. Ela não gosta da bandeja? Não, afirma o Filho, não gosta. A Nora veste um quimono na fotografia. É o quimono da maior idade, explica a Nora de Olhos Cor de Ônix para a Mãe. A Mãe vai folheando o álbum e vendo a Nora pequenina, indo para a escola de quimono. É dia de *hina matsuri*, ou dia das meninas. A Nora de Olhos Cor de Ônix parece uma bonequinha. Quimono de *hanami*, ou seja, da cerejeira em flor. A Nora fala para a Mãe: Época da floração das cerejeiras é muito importante para nós.

A Nora e o Filho viajaram, compraram uma casa em Quioto. A Nora ficou lá acompanhando a reforma, o Filho voltou. Um dia, a Nora de Olhos Oblíquos e Cor de Ônix virá, e os dois irão.

O que é a vida além de um sopro?

QUANDO A MÃE PENSOU em se segurar na Filha de Olhos Cor de Esmeralda, soube que ela também está indo. Dos olhos cor de esmeralda escorrem grossas lágrimas e ela beija a Mãe. Uma vez o coração da Mãe fica negro e ela esbraveja. Depois ele volta a ficar vermelho e ela beija os filhos. Sente vontade de agasalhá-los embaixo das asas, mas este tempo findou-se. O Genro de Olhos Cor de Âmbar chegou, sorrateiro, e lhe roubou a Filha. Na verdade todos viraram filhos e a Mãe não quer que nenhum dos quatro se vá. Já que vão, melhor que sejam todos. O Genro de Olhos Cor de Âmbar gosta de cavalos, a Mãe também, mas ela não tem mais coragem de montar. Quando vai à fazenda, o Genro de Olhos Cor de Âmbar fala: Monta! Esta é mansinha, eu garanto. Ela fica tímida e o Genro desiste. A Mãe gosta de ouvir os barulhos da fazenda do Genro de Olhos Cor de Âmbar. E esses ruídos suscitam outros muito mais antigos. O mugido das vacas na hora da ordenha, a voz dos vaqueiros, a canequinha de leite que acabara de sair dos úberos, cheia de espumas, que a Mãe bebia quando era pequena. Ficava com um bigode branco e limpava com as costas da mão. A irmãzinha, que era o Peixinho Dourado, sempre queria mais uma canequinha de leite. As duas ficavam ali mais um pouco e saíam correndo para os pés de amora, de goiaba, de jambo. O Peixinho Dourado gostava de ir à frente; se eu passasse na frente dele, ele chorava.

- Você quer brincar de pique? É de pique picolé?

A Mãe garante que ainda ouve os gritos do Peixinho Dourado.

- Vamos brincar de amarelinha?

E se a Mãe falasse “eu sou a primeira”, o Peixinho Dourado chorava. Nesta época a Mãe achava difícil ser irmã mais velha. Pelo menos do Peixinho Dourado era.

Peixinho Dourado, com a idade, passou a ser mais sagaz e falava:

- Eu sou a primeira. Vamos brincar de amarelinha?

A Mãe vê documentários de ilhas no Pacífico. Está sem rumo, sente-se perdida na amplitude desses arquipélagos de céu azul, mar transparente e profundo. Ajeita melhor as almofadas. Gosta dos documentários sobre as savanas e o mundo animal na África. Lá, o dia está por nascer. No lusco-fusco mal iluminado, na linha do horizonte, começam a aparecer as primeiras fileiras dos gnus.

Fantasmagóricos! Somente Deus sabe o quanto.

Em zigue-zague vão ocupando o Serengeti palmo a palmo. Aos milhares, centenas de milhares. Aos milhões, quem sabe? A Mãe é disléxica, sofre de discalculia e se confunde com os números. Os gnus continuam suas marchas para a margem do rio. Uns refugam nos barrancos antes de pular, outros se atiram n'água sem pestanejar. Os crocodilos à espreita dos mais novos, dos velhos e fracos. A marcha atávica continua seu curso sempre em frente. Para os que os crocodilos abocanham terminou a viagem. A marcha milenar e atropelada segue até o próximo destino em busca de verdes pastagens.

Nos documentários a vida passa em tempo acelerado. E a estação da seca já se transformou em nuvens escuras, relâmpagos, trovões, e os primeiros pingos de chuva voltam a cair na savana tórrida e poeirenta. No lugar dos ramos quebradiços,

começam a crescer as gramíneas, as leguminosas, e os arvo-
redos se vestem de roupa nova. O desabrochar das flores com
seus perfumes. O exalar do cheiro adocicado das sementes dos
capins atraem as manadas. A chuva molha a terra seca e trincada.
Encharca as planícies e escorre. Os rios transbordam, os peixes
que estavam adormecidos na lama se mexem e criam vida nova.
O milagre se deu, a Mãe sente cheiro de terra molhada e de vida.

Manadas de elefantes, rebanhos de búfalos. Tropas de
zebras e de gnus voltam às savanas para nova temporada.

Agora o vento sopra frio nos picos mais altos da Etiópia.
Era lá que os deuses se reuniam para jogar. Faziam dali o seu
parque de diversões. Davam suas festas e se entregavam às bebi-
das, comidas e orgias. É o que reza a lenda. Com certeza esses
deuses não estavam no Velho e nem no Novo Testamento. O
Deus que está na Bíblia, no Torá e no Alcorão é austero e não se
permite quase nada do que é bom. Meninas etíopes treinam nos
altiplanos, para competirem nas maratonas do mundo. Em seus
lares a comida é escassa, as roupas são farrapos. E as sandálias?
Esburacadas. Reúnem-se em galpões improvisados, o treina-
dor é rígido e a competição é desigual. Vão concorrer com as
americanas bem nutridas, com as inglesas, com as canadenses.
E as meninas riem escondendo os rostos, envergonhadas após a
refeição, depois dos treinos. Naquelas montanhas, vivem tam-
bém os babuínos gelados. Os jovens adultos querem ocupar o
lugar do chefe e se exibem o tempo todo para o harém. Sobem
nos galhos das árvores, batem no peito e pulam para o chão.
Uns sucedem aos outros atraindo a atenção das fêmeas atentas
ao espetáculo. O dono do harém, grandalhão, pesado, caminha
imponente para o tronco, sobe na árvore, escolhe um galho
e começa a bater no peito e a gingar de um lado para outro.
O galho não resiste ao peso, e vem abaixo com o protagonista.
A festa perde a graça, dão a atração por terminada e todos vol-
tam às suas atividades como se nada houvesse acontecido.

A Mãe precisa desfocar a vida, não quer falar de realidade. Vai ao médico, compra remédios, não quer arrancar o dente sem anestesia. Bebe um ansiolítico e o mundo, por umas horas, se torna cor-de-rosa. No corpo, manchas roxas. A amiga fala: É melancolia. Será? Claro. Quando a Mãe está triste, fica com desejo, e sempre pede à cozinheira a mesma comida: Ovo frito com pão. E ao marido: Misto quente e açaí na tigela pequena. E vão a uma lanchonete do shopping.

O Filho é arquiteto. Repaginou o jardim, a casa, e ainda não deu a reforma da casa da Mãe por encerrada. Reforma toda a fiação telefônica carcomida, dentro das paredes. A Mãe mastiga comprimidos de Naramig, uns depois dos outros, a cabeça dói, o corpo também. O braço, onde recebeu injeções de quimioterapia, ainda incomoda um pouco. Ela sofreu câncer de mama, parece mentira, mas dez anos se passaram. Capuchinho de Algodão corre à minha frente, entrelaça nas minhas pernas, corre atrás. Quem não pode com o diabo faz as pazes. Nunca fui chegada a cachorros. O Genro de Olhos Cor de Âmbar não quer o cachorro. A Filha de Olhos Cor de Esmeralda chora. A Mãe ficou com o cachorro que era da Filha. Capuchinho de Algodão é esbaforido, ansioso, resfolegante. No peito dela não cabe nem uma seringa de ar e Capuchinho de Algodão não a liberta. Às vezes, leva as duas mãos à cabeça: Liberta meu anjo da guarda! Ela prefere os gatos. Dão pouca confiança para os donos. Dormem na janela, no sofá, na pinta de sol do jardim. São tranquilos e olham distante. Ela precisa desse distanciamento, dessa independência, dessa liberdade. A Mãe quer afrouxar as amarras, quebrar os laços, cortar os cordões umbilicais. Como? Não há resposta. Será que o tempo virá em seu socorro? Os pais são geralmente mais sábios do que as mães nessas horas. E quais são essas horas? Horas das partidas. O Pai diz apenas que o Japão é longe e ele não sabe se quer voltar lá. A Mãe se aflige. Temos que visitar o Filho, a Nora de Olhos Cor de Ônix. O Pai insiste. Eles

vêm. E quando o neto chegar? Não volto lá. Não vamos falar nisto agora, diz a Mãe, sentindo tontura e medo de desmaiar. É, vamos falar sobre isto depois. Ela é fóbica, não viaja sozinha, a Filha de Olhos Cor de Esmeralda se oferece para levá-la. Ela, a Mãe, fica pensativa. Gosta de viajar com o Pai, já estão acostumados. Sente-se insegura, mesmo sendo com os olhos doces e cor de esmeralda: Eu levo você, Mãe! É, temos que pensar. Pensar o quê, Mãe? Não sei. E o Genro de Olhos Cor de Âmbar? Ele vai ficar sozinho? Os olhos cor de esmeralda: Ué, fica. Qual o problema? A Mãe sabe que a Filha não pertence mais a ela. Fica o impasse. Vamos pensar depois. É, concordam.

A Mãe é ansiosa, os filhos estão demorando a ir. Não saberia dizer se a demora é boa ou ruim. Acha que está precisando do golpe de misericórdia. O Filho ainda tem muito trabalho a fazer junto com o Pai. Reformar lojas no shopping, pintar paredes, colocar pisos. O Genro de Olhos Cor de Âmbar precisa vender a fazenda, ter visto de permanência para os Estados Unidos. E se ele não conseguir?, aflige-se a Mãe. Ela é apressada e não gosta de coisas duvidosas, que não dependem dela e são demoradas. A Mãe enfrenta um tigre, mas teme o incerto, o futuro, o tempo que passa e não volta mais. O tempo transcorrido a faz lembrar as águas que passam e os rios que correm noite e dia desde os primórdios. Nunca aprendeu a nadar, medo de morrer afogada.

O que é a vida além de um sopro?

No supermercado vê uma senhorinha magra, cabelos brancos, distinta e bonita para a idade. Ela, a senhorinha, comprou uma tangerina, um pêssego, dois copos de iogurtes e um pacote de biscoitos de gergelim. A Mãe não tem apetite, e quando morar sozinha? Será que morrerá de fome? Sempre antecipa tudo. Não é a vida apenas um sopro? E se esta vela se apagar de uma hora para outra? Não seria melhor que se apagasse de uma vez?

A Mãe precisa ver a vida com outro foco, tomar distância e virar personagem. A realidade a desorienta. Hoje entende a

expressão: soco no estômago. Foi o que sentiu quando o Filho falou que ia embora. Passou dias encolhida com a mão no estômago, sentindo o peso do impacto. Foi como se tivesse levado o coice de um burro brabo.

Certa noite o peito da Mãe começou a arder. As mãos gelaram, suor frio no rosto e no pescoço. Falou: Não estou bem. O Pai: O que você quer que eu faça? Quero ir para o pronto-socorro. Ele não sabe lidar com estas situações. Reclama do trânsito e começa a perguntar qual é o melhor caminho. A dor aumentando, a respiração só chega até uma metade, os pulmões cheios, transbordando. O Pai está nervoso, reclama que ela não se cuida. A Mãe começa a pensar em coisas boas. Em pradarias, em galopes de cavalos selvagens, cerrações encobrendo topos de vulcões. Sabe que o Pai também está nervoso. No hospital entregou a identidade, a carteira do plano de saúde e foi entrando, vergonha de perder os sentidos na frente dos outros. Entrou em um corredor comprido e abriu a primeira porta que viu à sua frente, saiu do lado de dentro do balcão do recepcionista que já vinha para ajudá-la. O médico deitou-a na maca. O que a senhora tem? A Mãe não conseguia responder, a palavra não saía, a garganta estava estrangulada. Com muito custo acudiu-a uma voz rouca, quase inaudível: Eu não estou doente. Estou muito triste, e foi falando enquanto o médico tirava a pressão sanguínea. O coração está bom. Bate como um relógio. E o médico continuou: No nosso cérebro tem uma parte que é química. Chama-se serotonina; quando esta serotonina fica muito baixa é como se ocorresse um apagão e as pessoas podem desfalecer – concluiu o plantonista, como se fosse um professor para leigos. Deu para a Mãe um Frontal e ela foi se sentindo melhor. Depois a senhora procura um clínico, aqui é apenas a emergência. A Mãe sorriu e se sentiu melhor. Deu vontade de tomar café com leite e comeu um pão de queijo ainda na lanchonete do hospital.

*A Mãe vai para o lado de dentro do monitor. Fica bonita.
Gosta de se sentir assim, um personagem.*

O LIVRO NOVO COMEÇA A SAIR DA SOMBRA, vai se delineando, cria contornos e mostra a cara no monitor. Vai se formatando aos poucos. Abre e fecha capítulos. Obedece rigores de pontos e vírgulas, o assunto vai se desenrolando. Nada pode ser incompreensível e obscuro. Sempre o desespero obstinado pela justa medida. Justa medida de quê e para quem? Não se sabe, mas é o equilíbrio, sempre efêmero, volátil e inalcançável. Ânsia pela aprovação e unanimidade. O livro vai adiante, os passos são trôpegos, temerosos, mas ele avança como um super-herói dos quadrinhos. Não pode temer, o medo pode ser fatal. Qualquer deslize, o Homem-Aranha se despenca da parede que está escalando.

Os dedos da Mãe tremem antes de alcançar os teclados. As palavras vão surgindo uma a uma, como se fossem pescadas do fundo de um rio caudaloso, no meio da correnteza, no anzol, ao acaso. O quebra-cabeça vai se formando com rigor, aos poucos e com dificuldade.

Por alguns momentos a Mãe acha a vida dramática e insustentável. Depois, aparece uma névoa, o foco se desloca, é como se pudesse sair de si, ausentar-se do próprio corpo. O coração para de bater, o sangue não circula mais dentro das veias. Cessa a respiração com os pulmões paralisados. A Mãe vai para o lado